

INTERPRETAÇÕES DO BRASIL CONTEMPORÂNEO: 1964 E 2016

Professor Responsável: Bernardo Ricupero

Objetivos

A disciplina procura verificar como se constituíram as primeiras interpretações a respeito de 1964, confrontando-as com análises da crise atual da democracia brasileira. Assume-se tal caminho já que o desafio colocado pelo golpe sexagenário é, em boa medida, comparável ao do tempo presente, ambas as situações tendo imposto a revisão da maneira como se pensa a sociedade e a política brasileira.

É verdade que os dois contextos com os quais trabalharemos são muito diferentes, até porque o fato dominante quando ocorre 1964, a Guerra Fria, não existe mais. No entanto, de maneira mais profunda, nosso problema, assim como o do pós-golpe militar, é a democracia, questão que, na verdade, não era evidente para os diferentes atores políticos antes de 1964, mas que se tornou, durante o autoritarismo, decisiva. Nesse sentido, é possível dizer que há um quadro comum entre os dois períodos que discutiremos que torna possível a aproximação entre eles.

Privilegiaremos como material de estudo uma série de trabalhos que buscaram entender, frequentemente “a quente,” esses “momentos decisivos” e nos quais estão mais ou menos explícitas interpretações abrangentes a respeito do Brasil. Buscaremos especialmente as “formas de pensar” subjacentes a tais análises. Pode-se destacar inicialmente a presença de interpretações “institucionalistas” e “estruturalistas” para explicar as duas situações. No entanto, nem todas as análises se apresentam de forma pura ou se enquadram numa linha ou outra. Conseqüentemente, o esforço de mapear as explicações não deve ser classificatório, mas principalmente heurístico.

Justificativa

1964 não foi propriamente “um raio caído em céu azul”. Antes do golpe havia expectativas de tal desenlace, fosse ele favorável à direita ou à esquerda. Mesmo assim, consumada a ruptura, ela teve um profundo impacto. Tratou-se geralmente de início de procurar entender o que aconteceu. Consolidada a nova ordem social e política, buscou-se interpretar a sua natureza. Tal preocupação tinha uma dupla dimensão; analítica e normativa, teórica e política, tendo afetado particularmente as ciências sociais, das quais muito de seus pesquisadores eram ou tinham sido militantes políticos.

Em contraste com 1964, cujo marco da crise é o próprio golpe, atualmente há uma certa disputa em relação a quando a crise da democracia se iniciou, havendo mesmo aqueles que questionam se a democracia está realmente em crise. Há tanto autores que destacam a revolta mais ou menos espontânea que estourou em 2013, como outros que prestam atenção especialmente ao impeachment de 2016 e, finalmente, aqueles que dão importância principalmente à eleição, em 2018, de um presidente de extrema-direita. Escolher um ou outro momento tem implicações na análise, ajudando mesmo a estabelecer como se focará a crise. Nesse sentido, o impeachment de Dilma Rousseff é uma referência entre outras.

O curso busca assim se somar ao esforço de compreensão do momento atual recorrendo, no nosso caso, à história do pensamento político e, em especial, às interpretações a

respeito da ordem social e política instalada em 1964. Indaga-se, nesse sentido, como as análises que se dedicaram a esse momento histórico podem – ou não – iluminar a nossa atual crise política e social. Chamamos a atenção, em especial, como certas categorias, como “populismo”, “autoritarismo”, etc. reaparecem, modificadas, nos contextos com os quais lidamos.

Ao tratar de interpretações de crises da democracia, tomamos a história tanto como objeto como abordagem. Trata-se de investigar momentos decisivos na constituição da democracia no Brasil; em primeiro lugar, a da busca da compreensão do chamado autoritarismo, o que era entendido então como esforço necessário para se poder enfrentar a ordem social e política criada pelo golpe. Esse esforço, realizado basicamente nos anos 1960 e 1970, abre caminho para uma nova ordem, cujo marco é a Constituição de 1988, fortemente questionada nos últimos anos. Estamos, portanto, numa posição privilegiada, a partir da qual, procuraremos explorar tanto as possibilidades como os limites da democracia no Brasil.

Critérios de avaliação

Serão realizados seminários (30% da nota) e um trabalho final (70%) ao longo do curso. A nota final será resultado dessas atividades.

1) Apresentação. De uma crise a outra crise. 18/03

Bibliografia complementar:

GRAMSCI, Antonio. Caderno 3, §34, “Passado e presente”; Caderno 13, §23 “Observações sobre alguns aspectos da estrutura dos partidos políticos nos períodos de crise orgânica”; ”; Caderno 13, §27, “O Cesarismo”. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024.

KOSSELECK, Reinhardt. “Crisis”. *Journal of the History of Ideas*. v. 67, n. 2, pp. 357 – 400, 2006.

2) O colapso do populismo 25/03

IANNI, Octavio. *O colapso do populismo no Brasil*. Cap. V: “Getulismo e política de massas”; Cap. VII: “A esquerda e as massas”; Cap. IX: “O golpe de Estado”; “Conclusão”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Primeira Parte. Cap 1: Política de Massas; Cap. 2: “Estado e massas no Brasil”; Cap 3: “O populismo na política brasileira”. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

3) 1964 como revolução burguesa ou como contrarrevolução? 01/04

CARDOSO, Fernando Henrique. “O regime político brasileiro”. *Estudos CEBRAP*, n. 2, pp. 83 - 118, 1972.

OLIVEIRA, Francisco. “A economia brasileira: crítica à razão dualista”. *Estudos CEBRAP*, 2. São Paulo, pp. 3 – 82, 1972.

4) 1964: a revolução burguesa como contrarrevolução 08/04

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil*. Cap. 7 “O modelo autocrático-burguês de transformação capitalista”. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1975.

5) A emergência do conceito de autoritarismo 15/04

CARDOSO, Fernando Henrique. *Autoritarismo e Democratização*. Cap. V: “Estado e Sociedade no Brasil”; Cap. VI: “A questão do Estado no Brasil”; Cap. VII: “A questão da democracia”. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

LINZ, Juan. “The future of an authoritarian situation or the institutionalization of an authoritarian regime: the case of Brazil”. STEPAN, Alfred. *Authoritarian Brazil*. New Haven: Yale University Press, 1973.

6) O colapso institucional 22/04

SANTOS, Wanderley Guilherme dos, *Sessenta e quatro: anatomia da crise*. (livro todo menos apêndices). Rio de Janeiro: Vértice, 1986. (original: *The calculus of conflict: impass in Brazilian politics and the crisis of 1964*. Tese doutorado, Universidade de Stanford, 1979).

7) Procurando interpretar o impasse da democracia 29/04

AVRITZER, Leonardo. “Introdução”; Cap. 1. “A democracia e os custos do presidencialismo de coalizão”. Cap. 3. “As manifestações de junho de 2013 e a ruptura do consenso participativo”; Cap. 5. “A classe média e a democracia”; “Conclusão: a democracia e a saída para o impasse político”. *Impasses da democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. “O pêndulo da democracia no Brasil”. *Novos Estudos CEBRAP*. v. 37, n. 2, pp. 273 – 289, 2018

8) A tese do golpe parlamentar 06/05

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. Prefácio; Cap. 1 “Democracia representativa e golpe constitucional”; Cap. 2 “1964 e 2016: dois golpes, dois roteiros”; Cap. 5 “Da democracia e seu bastardo: o golpe parlamentar”; Cap. 6. *A Democracia Impedida: o Brasil no Século XXI*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.

9) A explicação institucionalista e o impeachment 13/05

LIMONGI, Fernando. “Introdução”; Cap. 3 “O chantagista-mor da República”; Cap. 4 “Cognição sumária”; Cap. 5 “Em busca da paz perdida”. *Operação Impeachment*. São Paulo: Todavia, 2023.

LIMONGI, Fernando; FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. “A crise atual e o debate institucional”. *Novos Estudos CEBRAP*. v. 36, n. 07, pp. 79 – 97, 2017.

Melo, Marcus André; Pereira, Carlos. “Impeachment como bomba atômica”. *Por que a democracia brasileira não morreu?* São Paulo, Companhia das Letras, 2024.

10) Os limites do lulismo 20/05

SINGER, André. “Introdução: Do sonho rooseveltiano ao pesadelo golpista”; Cap. 1 “Cutucando onças com bases curtas”; Cap. 3 “A encruzilhada de Junho”; Cap. 4 “Três partidos brasileiros”; Cap. 7. “Lula; Lava Jato e Temer na batalha final” “Conclusão: Dois passos adiantes, zigue-zague e queda”. *Lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma*. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

11) O pemedebismo e seus críticos 27/05

NOBRE, Marcos. Introdução; “Pemedebismo, presidencialismo de coalizão e crise da democracia”; “Das novas direitas à eleição de Bolsonaro”. *Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2022.

12) Bolsonaro, bolsonarismo 03/06

NUNES, Rodrigo. “Introdução”; Cap. 1: “De que Bolsonaro é o nome”; Cap. 7: “Como chegamos aqui: de junho de 2013 a Bolsonaro”. *Da vertigem ao transe: ensaios sobre o bolsonarismo e um mundo em transição*. São Paulo: Ubu, 2022.

PINHEIRO MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia M. “From hope to hate: the rise of conservative subjectivity in Brazil”. *Hau: journal of ethnographic theory*. v. 10, n. 1, 2020, p. 1 – 24.